

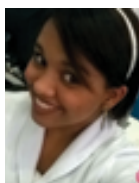


Submissão
11-11-2022
Aprovação
28-03-2023

Como citar este artigo

Ferreira TA, Aperibense PGG, Santos FBO, Peres MAA. Enfermagem como opção de profissão feminina na Universidade do Brasil. *Hist Enferm Rev Eletrônica*. 2023;14:a8. <https://doi.org/10.51234/here.2023.v14.e08>

Autora correspondente



Tábata Alves Ferreira
E-mail: tabata-alves-ferreira@hotmail.com

Enfermagem como opção de profissão feminina na Universidade do Brasil

Nursing as an option for female profession at the University of Brazil

La enfermería como opción de profesión femenina en la Universidad de Brasil

Tábata Alves Ferreira^I ORCID: 0000-0002-3527-2319

Pacita Geovana Gama de Sousa Aperibense^I ORCID: 0000-0002-3176-2134

Fernanda Batista Oliveira Santos^{II} ORCID: 0000-0002-8523-0547

Maria Angélica de Almeida Peres^{III} ORCID: 0000-0002-6430-3540

^I Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^{II} Universidade Federal do Rio de Janeiro. Macaé, RJ, Brasil.

^{III} Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.

RESUMO

Objetivo: Analisar a motivação de mulheres para cursarem Enfermagem na Universidade do Brasil (UB) em meados do século XX. **Métodos:** estudo histórico-social, qualitativo, a partir de fontes orais de cinco ex-alunas do curso de Enfermagem da UB nas décadas de 1950-1960. A análise dos dados seguiu o método indutivo e triangulação de fontes, sendo subsidiada por estudos sobre a identidade profissional da enfermeira e a história das Escolas de Enfermagem no Brasil. **Resultados:** Observou-se influência familiar na escolha da profissão e o reconhecimento social da Escola Anna Nery (EAN), responsável pelo curso na UB. O vestibular unificado, instaurado pela Lei 5.540/1968, aumentou o interesse de moças pelo curso. **Conclusão:** A Enfermagem era uma opção favorável para moças interessadas em uma formação escolar de nível superior, ainda pouco alçada por mulheres à época, cursar Enfermagem na EAN/UB significou uma oportunidade de formação qualificada e de independência financeira.

Descritores: Escolha da Profissão; História da Enfermagem; Escolas de Enfermagem; Educação em Enfermagem; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To analyze the motivation of women to study Nursing at the University of Brazil (UB) in the mid-twentieth century. **Methods:** historical-social, qualitative study based on oral sources of five Alumni of the UB Nursing course in the 1950s and 1960s. Data analysis followed the inductive method and triangulation of sources, being subsidized by studies on the professional identity of nurses and the history of Nursing Schools in Brazil. **Results:** Family influence was observed in the choice of profession and the social recognition of the Anna Nery School (ANS), responsible for the UB Nursing course. The unified entrance exam, introduced by Law 5.540/1968, increased the interest of young

women. **Conclusion:** Nursing was a favorable option for women interested in higher education, still little achieved by women at the time, studying Nursing at ANS/UB meant an opportunity for qualified training and financial independence.

Descriptors: Career Choice; History of Nursing; Nursing Schools; Nursing Education; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la motivación de mujeres que cursaron Enfermería en la Universidad de Brasil (UB) a mediados del siglo XX. **Métodos:** es un estudio histórico-social, cualitativo, a partir de fuentes orales de cinco exalumnas del curso de Enfermería de la UB en las décadas de 1950-1960. El análisis de los datos siguió el método inductivo y la triangulación de fuentes, avalado por estudios sobre la identidad profesional de la enfermera y la historia de las Escuelas de Enfermería de Brasil. **Resultados:** Se identificó la influencia familiar en la elección de la profesión y en el reconocimiento social de la Escuela Anna Nery (EAN), responsable del curso en la UB. El examen de ingreso unificado, establecido por la Ley 5.540/1968, aumentó el interés de las jóvenes por el curso. **Conclusión:** Las mujeres tenían poco acceso a estudios de nivel superior en aquella época, y el curso de Enfermería les ofrecía esa posibilidad; por esta razón, estudiar en la EAN/UB les brindó una oportunidad de formación calificada y por ende, de independencia financiera.

Descriptor: Selección de la Profesión; Historia de la Enfermería; Facultades de Enfermería; Educación en Enfermería; Enfermería.

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, estudar e se inserir no mercado de trabalho não era um ideal de vida do público feminino brasileiro, com exceção das professoras primárias, formadas em Escola Normal. Se ao homem cabia a esfera pública, o trabalho fora de casa e o sustento da família, à mulher recaía a responsabilidade pelo bom funcionamento do lar e educação dos filhos. Em contrapartida, nas classes mais baixas, muitas moças não tinham outra opção a não ser contribuir com o sustento da família, quando não, eram a única fonte de renda⁽¹⁾.

A expansão do ensino superior de Enfermagem esteve diretamente associada ao aumento do número de hospitais e, tal como no modelo inglês e norte-americano, a Enfermagem brasileira institucionalizou-se primeiramente subordinada à prática médica. Assim, a criação de escolas de enfermagem foi uma iniciativa para a melhoria da qualidade assistencial dos serviços de saúde, mantendo a dependência desse grupo à classe médica, o que a colocava ainda distante de uma profissionalização no país⁽²⁾.

Durante a Década de 1930, a Universidade do Rio de Janeiro foi reestruturada passando a chamar-se Universidade do Brasil (UB), a qual a Escola Anna Nery (EAN) passou a integrar primeiro, em 1937, como unidade complementar, o que teve um efeito notável para a valorização do curso e para a mudança no papel que a enfermeira exercia na sociedade, diante do diploma universitário como autorização para o exercício profissional⁽³⁻⁴⁾.

Para valorizar ainda mais a profissão de enfermeira, a diretora da EAN, Laís Moura Neto dos Reis (1938-1950) empreendia estratégias como a realização de rituais institucionais com presença de pessoas ilustres da sociedade brasileira e das altas autoridades da administração pública e religiosa e também a prestação de cuidados a pessoas influentes e famílias de prestígio no meio social, incluindo a família Vargas⁽⁴⁾.

Com o advento da 2ª Guerra Mundial, na década de 1940, houve uma valorização da área de Enfermagem e uma intensificação no preparo de enfermeiras profissionais, além da inclusão de voluntárias para trabalhar nas possíveis frentes. Por meio de notícias em jornais, o Estado Novo divulgava a boa imagem da mulher e da profissão em todo país. A trajetória e a consolidação da Enfermagem enquanto carreira profissional enquadrada pelo Estado é marcada pela mobilização de enfermeiras, o que, como parte de um processo mais amplo, marca também um novo caminho para a emancipação das mulheres de classe média pela enfermagem⁽⁵⁻⁶⁾.

Este tipo de estratégia de divulgação já vinha sendo utilizada com sucesso pelas enfermeiras desde a implantação da Enfermagem Moderna no Brasil, mediante a realização de rituais institucionais que congregavam pessoas de diferentes esferas da sociedade⁽⁴⁾.

Durante toda a primeira metade do século XX, as candidatas ao curso de Enfermagem da EAN passavam por uma espécie de exame vestibular, constituído por provas de conhecimentos gerais e ainda por uma entrevista individual — etapa necessária desde o início do funcionamento da Escola, quando eram avaliados aspectos socioeducacionais e de saúde da candidata ao curso de Enfermagem. A entrevista, também realizada para o ingresso das alunas em outras escolas de Enfermagem, constituía uma atitude criteriosa das dirigentes, pois não bastava avaliar a competência intelectual da candidata, mas também seus traços de caráter e comportamento⁽⁷⁾. Isso se manteve até 1968, quando foi instituído o Vestibular Unificado e o ingresso na UB passou a ser por classificação única e pontuação necessária para os cursos oferecidos.

Considerando a prevalência do gênero feminino na trajetória histórica da Enfermagem, questiona-se: o que movia mulheres à profissão de enfermeira nas décadas de 1950-1960? Assim, o objetivo deste estudo foi analisar a motivação de mulheres para cursarem Enfermagem na Universidade do Brasil em meados do século XX. Acredita-se que a aproximação com os interesses do público feminino na sociedade em seu tempo histórico, para além de visibilizar os caminhos da profissionalização em enfermagem, reforcem a (re)construção identitária dessa profissão, que segue sendo exercida na atualidade majoritariamente por mulheres.

MÉTODOS

Estudo histórico-social, qualitativo, resultante de um Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem e Obstetrícia, defendido em fevereiro de 2022. A coleta de dados se deu no período de março a dezembro de 2019. Os marcos temporais definidos para o estudo consideraram o ano em que a EAN deixa de ser Escola Padrão por força da lei n.º 775 de 1949, a qual regulamentou o ensino de enfermagem no Brasil, levando à reconfiguração das escolas de enfermagem nas décadas que se seguiram. O marco final corresponde à instituição da Reforma Universitária, pela lei n.º 5.540 de 1968, que definiu a implantação do Vestibular Unificado, o qual suspendeu a entrevista que acompanhava o vestibular da EAN. Foi devido a esta reforma que a EAN cedeu para a entrada de homens em seu curso e pôs fim ao regime de internato no curso de graduação em Enfermagem⁽³⁾.

O corpus documental foi composto de fontes diretas pertencentes ao Centro de Documentação (CEDOC) da atual Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aplicou-se como critério de inclusão dos documentos: tratar de discente da EAN/UB dentro do recorte temporal deste estudo. Foram excluídos os documentos que, em seu teor, não respondessem a nenhuma das perguntas norteadoras da pesquisa. Como fontes indiretas foram selecionados livros, artigos e teses que abordavam a temática e o contexto sociopolítico antes da reforma universitária, permitindo a construção dos contextos em que essa sociedade estava inserida. Esse bojo histórico é fundamental para que o objeto “motivação de mulheres para o ingresso no curso de enfermagem” seja capaz de captar os aspectos identitários nessa opção.

Foram identificadas no acervo do CEDOC, no banco de história oral, 08 entrevistas com ex-alunas da EAN/UB, que ingressaram no curso no recorte temporal do estudo. Após análise e aplicação dos critérios de seleção, cinco entrevistas foram incluídas nos resultados. Todas elas com mulheres, já que a escola era exclusivamente feminina no período. As cinco ingressaram na EAN nos anos de 1956 (2), 1960(2) e 1966(1), respectivamente. Também foram incluídos 04 dossiês de ex-alunas compostos por documentos como: ficha individual informativa, certificado de conclusão do colegial, histórico, boletins, relatório mensal de experiência prática e lista de frequência.

A coleta dos dados se deu com o auxílio de instrumento de catalogação das fontes, permitindo sua organização de forma cronológica e temática em planilhas. A triangulação das fontes selecionadas foi realizada como etapa fundamental da análise dos dados, os quais foram interpretados com base nos referenciais bibliográficos selecionados. Tal procedimento permitiu a validação convergente dos achados, garantindo maior confiabilidade devido à combinação dos procedimentos metodológicos⁽⁸⁾.

Foi utilizado o método indutivo, proposto por Francis Bacon (1561-1626) no século XVII, que considera o conhecimento científico o único caminho seguro para a verdade dos fatos. Trata-se de

uma forma de raciocínio que parte da análise e tem como resultado uma provável verdade contida nas partes⁽⁹⁾. Nesse sentido, realça-se que a “verdade” aqui proposta tem relação com o trabalho de produção historiográfica que tem o compromisso com a versão possível a partir das fontes acessadas.

Cabe esclarecer que o acervo do CEDOC/EEAN é público e aberto à consulta de pesquisadores. Assim, foram tomadas as seguintes providências éticas: solicitação formal à instituição para a consulta ao acervo; utilização apenas para a realização nesta pesquisa; compromisso de referenciar o acervo que guarda essas fontes e, manutenção do anonimato dos dados, sendo os colaboradores identificados com as letras EA (Ex-aluna), seguidas do ano de ingresso na instituição.

RESULTADOS

A escolha da profissão envolve fatores da esfera individual, mas principalmente da esfera social, sofrendo influências do contexto socioeconômico, cultural e do meio familiar. A escolha pelo curso de Enfermagem da UB estava relacionada à identidade profissional já constituída pela instituição EAN desde seus primórdios, na década de 1920, quando se destacavam a sua importância e prestígio na sociedade carioca da época⁽⁵⁾. Destaca-se, ainda, como motivação das candidatas, o processo seletivo e a influência familiar.

Importância e prestígio da instituição

A EAN era uma escola reconhecidamente tradicional no meio social, que tinha as credenciais de unidade autônoma da UB desde 1945. Estudar neste ambiente representava proporcionar, às moças da época, a possibilidade de ser bem-sucedida, de ter uma carreira promissora, de receber para além da formação profissional e social distinta. Este era um dos motivos das candidatas escolherem o curso de enfermagem.

[...] eu trabalhava de dia e estudava à noite e descobri que a EAN era a melhor escola de enfermagem, tinha a Escola Alfredo Pinto, a Escola da Cruz Vermelha, [...] descobri através de uma amiga do Maranhão[...]. (EA 1956)

O que me motivou a estudar na escola foi porque, na verdade, era a escola pioneira na formação de enfermeiros no Brasil. Era aquela que dava às enfermeiras uma identidade diferenciada e esse foi o motivo de ir para lá, sempre tinha a afirmativa de que era a melhor escola, que era a escola que desencadeou todas as outras escolas do país, então eu vim por causa disso. (EA 1966)

Cabe nesta análise ressaltar que, apesar dos anos de diferença entre as ex-alunas, das quais uma é ingressante no ano de 1956 e a outra é da turma de 1966, foi possível identificar, em suas falas, a relevância e o prestígio da EAN mesmo após a escola ter deixado de ser padrão oficial de ensino de enfermagem no Brasil, posição que ocupou desde 1931 até 1949. Por ter sido modelo para todas as escolas de enfermagem do país, houve um grande reconhecimento ao chamado “Padrão Anna Nery”, o que reforça seu renome, fama e tradição, ampliado por pertencer à não menos prestigiosa UB.

A EAN acompanhava o processo disciplinar das boas escolas públicas do país, em que havia um rigor de ensino e aprendizado referente ao comportamento social e ético, como evidenciado nos dossiês, dos quais constavam a avaliação das alunas sob um ponto de vista intelectual, disciplinar e ético. Dessa forma, as discentes eram submetidas a um regulamento interno rígido, pelo qual deveriam ter dedicação integral ao curso, podendo inclusive receber punições pelo descumprimento das normas, o que ocorria desde 1923 quando o curso foi aberto⁽¹⁰⁾. A referida informação consta no Relatório Mensal de Experiência Prática, nos dossiês das alunas, mostrando, também, a avaliação mensalmente com base na cortesia, dignidade, gênio, simpatia, sinceridade, saúde, domínio próprio, aceitabilidade ao docente e desenvolvimento. A menção desses aspectos denota a importância dos padrões de comportamento estabelecidos pela sociedade para moças naquelas décadas.

É considerando esse contexto que se entender ser provável que as moças das décadas de 1950 e 1960 não consideravam tal rigor institucional descabido, pois se tratava de uma instituição de formação profissional, que tinha o peso social de formar “enfermeiras ananéri”, de nível superior, para o desafio

que era ingressar no mercado de trabalho à época. Ser formada pela EAN/UB significava, para muitas mulheres que vinham de uma classe social baixa, do interior do estado e do país, sem condições financeiras de se manter na capital, uma alternativa possível de investir no seu futuro, estudando em uma instituição que lhes oferecia moradia e alimentação, conforme os melhores colégios da época. Mesmo as cobranças rígidas em relação ao uso do uniforme eram motivo de orgulho, como consta na fala de EA da turma de 1966:

[...]Eu não tinha muita dificuldade de usar uniforme não, eu acho até que o uniforme nos dava a identidade de ser AQUELA pessoa, NAQUELE lugar, fazendo AQUILO. Eu me orgulhava muito de usar o uniforme[...]. (EA 1966)

As cinco ex-alunas, cujas entrevistas estão no acervo, são exemplos desta realidade. O estado de origem das então candidatas ao curso retrata a procura de mulheres vindas da região nordeste do país (Piauí, Bahia, Paraíba e Ceará). Apenas uma delas era natural do Rio de Janeiro. Todas viveram no internato da escola durante sua formação profissional e suas falas ressaltam o sentimento de honra e distinção por respeitarem as normas para o uso do uniforme e convivência na instituição.

Influência Familiar

Se por um lado o prestígio da instituição propiciava a escolha da EAN/UB, por outro, era a decisão dos familiares que efetivamente direcionava as moças a ingressarem no curso e a assumirem a escolha profissional. As entrevistas apontaram que uma das justificativas para as moças escolherem cursar enfermagem foi a condição social que possuíam, tornando a emergente carreira da enfermeira Padrão Anna Nery uma oportunidade que não podia ser desperdiçada. Identificam-se os motivos em falas como:

“Eu vim da casa de Dona Alzira, e dona Alzira disse que a filha dela estava no Rio [Rio de Janeiro], estudando na Anna Nery [Escola Anna Nery] [...] A minha mãe foi lá num político importante da minha terra. Chegou lá e pediu ajuda para que a filha dela [eu] pudesse vir ao Rio [Rio de Janeiro] fazer esse curso, que ela não tinha dinheiro. Aí ele disse assim: “mas ela quer?” Ela disse: “Quer!!!” [risos fortes, gargalhadas]. Eu tinha que querer [risos]. Então ele disse vou dar para ela a passagem e a senhora vê que é que ela precisa. (EA 1960)

A minha irmã 10 anos mais velha do que eu [...] veio para o Rio para a Escola Anna Nery que oferecia as alunas o internato [...] junto com aquela coisa linda que ela falava que eu vi aquele quadro da enfermagem, o namorado que ela arranhou aqui também aí juntando tudo isso eu comecei a desejar também fazer enfermagem, então, eu vim, nós tínhamos uma seleção, uma prova de seleção, eu passei nessa prova de seleção e comecei muito sem saber das coisas. (EA 1960)

Eu estava contaminada por uma tia que já era enfermeira também da Escola Anna Nery e que trabalhava no Hospital dos Servidores do Estado (EA 1966).

[...]Eu vim, mais em razão de meus pais que tinham onze filhos, à época eram muitos para que eles dessem conta de tudo, inclusive de uma educação completa visando o futuro [...]. (EA 1954)

É interessante destacar que, dentre os valores atribuídos à família na formação da identidade do(a) adolescente e da escolha profissional, o relacionamento familiar é um dos aspectos que influenciam a escolha. Nas falas citadas acima, nota-se uma certa imposição dos pais para a garantia de um futuro melhor, bem como a admiração, através do parentesco, ao conhecer uma ex-aluna formada pela EAN.

Oportunidade de Ingresso na Escola

Até o final da década de 1960 o ingresso aos cursos de graduação na UB se dava através de “vestibular personificado”, pelo qual cada unidade tinha total autonomia para elaborar as etapas do processo seletivo. Sendo assim, mesmo após ter passado a integrar a UB, a EAN tinha um processo de seleção prévio em que as candidatas elaboravam uma redação respondendo à temática: “porque você quer

ser enfermeira?”. Aquelas que se classificavam eram encaminhadas para uma entrevista, considerada de grande importância para avaliação das condições físicas e comportamentais das interessadas em ser enfermeiras.

Foi observado ainda, nas falas das ex-alunas, que mesmo quando a chegada à EAN/UB não era algo planejado, o reconhecimento nacional da fama desta escola pela qualidade de suas enfermeiras, tornava-se uma forma de influência sobre a escolha da profissão e da instituição.

[...] nós chegamos [no Rio de Janeiro] numa sexta-feira, nós viemos de navio, eu peguei o jornal e li, tinha um quadro bem grande: “na quarta-feira de cinzas ia ter um exame de seleção para a Escola Anna Nery, Escola de Enfermeiras [ênfase] Anna Nery”. Aí cheguei lá [na escola], saltei na porta [...] só tenho a minha identidade, mas eu poderia experimentar fazer o exame?”. [...] Subi [ênfase] e fiz, eles nem exigiam científico era só o ginásio, mas eu tinha o científico e eu mandei buscar [...] passando em um dos primeiros lugares, aí foi mais fácil, pronto, assim. Então entrei para a escola. (EA 1957)

[...] Devo dizer que não vim à procura da escola motivada por uma questão de vocação, eu nem sabia na minha cidade de que se tratava na Escola de Enfermagem Anna Nery e a enfermagem, [...] eu me vi pré-selecionada para a Escola Anna Nery em virtude de que uma professora não enfermeira, ela era professora de sociologia e psicologia [professora Maria de Carvalho Veras] foi de visita para a família no Maranhão, passou em Teresina e fez uma entrevista com umas pretendidas candidatas e eu simplesmente estava como curiosa a convite de uma das colegas. (EA 1954)

DISCUSSÃO

Institucionalizada no desenvolvimento e fortalecimento do capitalismo, a Enfermagem Moderna surgiu como atividade reconhecida no início da revolução industrial, período em que a saúde era essencial para a manutenção das condições básicas de trabalho nas indústrias, onde os trabalhadores deveriam receber atenção para que rendessem de maneira positiva em suas atividades laborais. Assim, a enfermagem foi ganhando espaço e relevância aos olhos da sociedade e da academia, transformando-se em uma ciência imprescindível e em uma profissão renomada⁽⁵⁾.

Os fatores que influenciam a escolha da profissão são variados, perpassados pela subjetividade de cada indivíduo, levando traços de sua história pessoal, características do ofício, importância social da profissão escolhida, remuneração, habilidades adquiridas, custos para a formação, grupo social em que está inserido, família e muitas outras variáveis que interagem entre si.

Os autores Nepomuceno e Witter⁽¹¹⁾ consideram a família parte importante do processo de formação da identidade, assim como do processo de escolha profissional do adolescente. A influência familiar aparece na perspectiva dos pais em ter uma filha com estudos, capaz de adquirir melhores condições de vida. A ascensão social das mulheres, através da profissionalização e de conquistas financeiras, era almejada por suas famílias, na expectativa de ter uma parente em uma carreira bem-vista socialmente para mulheres. No caso da ex-aluna que informou sobre os pais terem onze filhos, fator que dificultava uma condição de vida estável, ter uma filha enfermeira era uma oportunidade que viabilizava a ela condições de vida dignas além de ser uma forma de poder contar com a sua ajuda financeira.

No Brasil, no início do século XX, era tradição das mulheres serem concebidas como trabalhadoras domésticas não remuneradas, exercendo o papel de donas de casa que realizavam os cuidados com o lar e os filhos. Ter a mulher como figura de maior importância na residência não era uma situação vista com bons olhos, nem devia ela garantir a subsistência da família devido ao peso que lhe era atribuído na estabilização do lar, pois a tarefa do homem era prover condições financeiras para seus filhos e esposa, ou seja, ele era quem estava autorizado perante a sociedade a exercer uma atividade remunerada. Assim, o trabalho feminino remunerado era censurado pela igreja católica e conseqüentemente pela sociedade. Diante desse fato, a institucionalização da enfermagem no Brasil teve início no enfrentamento de dois graves preconceitos: a ruptura da imagem histórica e cultural dos profissionais, pois anteriormente a enfermagem era uma prática exercida por irmãs de caridade, e a dependência feminina do homem⁽¹⁰⁾.

A primeira década de implantação da EAN, então pertencente ao Departamento Nacional de Saúde Pública, serviu para imprimir novas características identitárias à profissão e também para a

abertura de novos campos de trabalho para a enfermagem, sentido pelo aumento da demanda de enfermeiras qualificadas devido à reforma sanitária e internacionalização da economia brasileira ocorrida no país no período⁽¹⁾.

Autores apontam que a EAN era vista como berço de uma nova identidade profissional de enfermeiras no Brasil, o que é respaldado pelo reconhecimento da escola como modelo nacional de formação profissional de 1931 até 1949. Esse modelo, a princípio, acompanhava as exigências morais da sociedade em relação ao papel social das mulheres, contudo, uma adaptação foi se instituindo conforme as ideias liberais em relação ao trabalho feminino foram sendo mais aceitas e as enfermeiras despontaram como profissionais pioneiras na inserção de mulheres de nível superior no trabalho em saúde^(10, 12-13).

Para tanto, a EAN iniciou seu ingresso no curso na UB. Desse modo, reforçou-se com incentivo e apoio o rigor disciplinar esperado em uma escola de moças de 1920 e permitiu-se que o desenvolvimento referente à educação de nível superior, ao trabalho feminino, à cultura e à moda, fosse aos poucos transformando seu espaço, abrindo e apoiando novas frentes profissionais, alavancadas pelo ingresso do curso na UB, incentivando e apoiando a abertura de outros cursos de enfermagem pelo país, criação de entidades representativas da profissão, formação de assistentes sociais e nutricionistas, auxiliares e técnicas de enfermagem e cursos de pós-graduação em enfermagem⁽¹³⁻¹⁵⁾.

Apesar da forte hierarquização e de controle moral das alunas no espaço cotidiano da instituição, a EAN cultuava um simbolismo que servia para reforçar o dever a que as estudantes e as futuras profissionais estavam submetidas. Em várias situações do dia a dia era observado tal prática, mas ficavam mais evidentes principalmente nas solenidades, como no ritual do acender da lâmpada na formatura, símbolo da enfermagem. Os jornais locais anunciaram, durante a década de 1960, o valor que a profissão dava a esse símbolo, identificando-o com “a chama do amor”, “a luz do dever”, “a lâmpada do diploma”, entre outros⁽¹⁰⁾.

A EAN/UB, até meados do século XX, usou a condição da enfermagem ser vista como ocupação feminina para construir e aperfeiçoar uma identidade profissional de enfermeira, demonstrando que, além de exigir características, como, por exemplo: cuidar, amparar e nutrir, a profissão também exigia competência técnica e conhecimento específico de nível superior. Assim, reproduzia-se a divisão social e sexual existente na sociedade que tornava, na primeira metade do século XX, a prática de enfermagem próxima ao cuidado da casa e da família, e apresentava o trabalho de enfermagem inicialmente como complementar ao trabalho do médico, aliviando preconceitos que existiam sobre o trabalho feminino e sobre a formação universitária de mulheres.

A escolha pelo curso de enfermagem da EAN/UB atendia à necessidade das mulheres que nele ingressaram no período estudado e não foi um problema para elas a relação com o universo médico masculino. Tornar-se enfermeira foi o primeiro passo para desconstruir a visão de que a cura era atribuição masculina/médica e o cuidado era atribuição da mulher/enfermeira, dando lugar, aos poucos, a uma identidade profissional originada pela EAN/UB⁽¹⁾.

A posição e condição da enfermagem nas universidades, assim como seu desenvolvimento no Brasil, sempre foram atrelados à condição da mulher na sociedade. A escolaridade foi motivo de muitas discussões por parte das diretoras das escolas de enfermagem na época, pois tinham receio que um curso de nível superior não fosse atrativo o bastante para o pequeno grupo de mulheres de classe média, que necessitavam ter, além de curso secundário concluído, ambição, bens e apoio da família para darem continuidade aos seus estudos^(5, 13).

No ano de 1946 houve a redemocratização do Brasil, que instituiu uma nova Constituição, determinando que era função da União legislar sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, contrariando a Constituição de 1937, que dissertou sobre a incorporação da iniciativa privada e à liberdade de ensino, dando autonomia às instituições. Nesse ano, ainda, a partir da aprovação do estatuto da Universidade do Brasil, a EAN passou a fazer parte como um estabelecimento de ensino superior, ainda que sem exigir o curso secundário completo de suas candidatas⁽¹⁶⁾.

Muito mais que uma vocação para o trabalho de enfermagem, a importância e prestígio da instituição se misturou com a influência familiar, como mostrado nas manifestações sobre estudar na “Escola Anna Nery” como uma aquisição prestigiosa.

Foi em meados do século XX que muitos padrões de comportamento, comuns nas décadas anteriores, começaram a se modificar e a ser verdadeiramente percebidos na sociedade. A mulher da

década de 1960 mostrava-se mais segura com as influências externas sofridas ao longo das décadas passadas. Buscava-se mais informação com intuito de ser mais bem informada, politizada e moderna, pois ao se deparar com o trabalho executado externamente às tarefas do lar, teria que competir seu espaço de trabalho no mercado com outras mulheres⁽¹⁷⁾.

Entretanto, a mulher ainda estava ligada ao lar, filho e marido, fato que se mostra evidente ao observar as propagandas das revistas da época, nas quais a mulher apenas assumiu mais uma atribuição, a de trabalhadora assalariada, porém não se desvinculou do papel de dona de casa e mãe, demonstrando que os valores da sociedade modificaram-se muito lentamente com o passar do tempo⁽¹⁷⁾.

A partir da elaboração de um anteprojeto por parte das enfermeiras Edith de Magalhães Fraenkel e Laís Netto dos Reys, em conjunto com membros da Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Saúde (MES), foi aprovada a Lei nº 775, em 6 de agosto de 1949. A Lei regulamentou o ensino de enfermagem em todo território nacional, tornando obrigatório o vínculo das escolas de enfermagem a um Centro Universitário ou a uma Faculdade de Medicina, além de dar outras providências como a criação do curso de auxiliar de enfermagem e a determinação de um auxílio às escolas de enfermagem oficialmente reconhecidas, alavancando a profissão⁽¹⁸⁻¹⁹⁾.

Ao prestígio da EAN, cuja origem numa imagem institucional era construída com o apoio da Fundação Rockefeller, do Governo Federal e da Igreja Católica, somava-se a fama da Universidade do Brasil, primeira do país, que logo alcançou posição de destaque no campo científico. Ao entrar na UB e na EAN, as alunas se identificavam com o curso e sentiam-se em desenvolvimento, adquirindo afeto pela instituição e pela profissão, mesmo morando e estudando em ambientes com rígido controle disciplinar.

Evidencia-se que a carreira de enfermagem, desde os seus primórdios, constituiu-se, de certo modo, como um fator de democratização do acesso ao ensino superior, uma vez que franqueava suas portas às “moças de boa família”, o que poderia incluir as filhas de famílias pobres^(18:314).

Como fator positivo para o ingresso na EAN, o nome da instituição era adjetivo que destacava as enfermeiras brasileiras como “enfermeiras ananéri”, “enfermeiras-chefe” ou “enfermeira-pan”, atribuindo às profissionais um status profissional em todo o país, pois assim também se denominava as profissionais formadas por escolas equiparadas à EAN no período entre 1931 e 1949.

Eliot Freidson⁽²⁰⁾ defende que o status profissional vem ao encontro da visão que a própria profissão tem de si, imprimindo valor à especificidade do exercício profissional, reconhecendo a diversidade do meio que integra, aprimorando a expertise e sustentando-se em autorregulação. Assim, essas enunciações influenciam a estrutura social e afirmam o seu status profissional. São apresentadas por meio da representação conceitual, que traz para discussão uma interpretação sociológica das profissões de Freidson para a Enfermagem.

Ao falar do padrão Anna Nery (PAN), foi possível analisar que se refere a um conjunto de normas que combinava ciência, arte, poder disciplinar, ideologia e poder estatal, para a reprodução de um arquétipo profissional extremamente útil à implantação de uma nova ordem sanitária pelo Estado Nacional Brasileira, a partir da cidade Rio de Janeiro. Mais do que a formação técnica de uma nova profissional, era necessária a construção de uma identidade profissional que não existia no Brasil⁽⁴⁾.

[...] onde interessava saber se as moças tinham força e saúde suficientes para conseguir suportar as noites insones, para aguentar banhar, trocar, limpar e virar corpos desgovernados. Se possuía “equilíbrio” emocional para manter-se sóbria, quieta, responsável, mesmo diante do sofrimento do outro, da dor e da morte. E, por último, se possuía postura moral e tradição familiar à altura do conceito que se queria dar à profissão e à Escola^(10:90).

Em 1949, o Ministério da Educação e Saúde se tornou o principal órgão de reconhecimento das escolas de enfermagem que surgissem a partir da promulgação da lei 775/49. Alguns estudos referem como perda da autonomia, entretanto, outros falam sobre a estratégia de sobrevivência e expansão do ensino de enfermagem no Brasil, garantindo formação de pessoal qualificado para liderar (enfermeiras diplomadas) e para seguirem lideranças (auxiliares de enfermagem) que pudessem cobrir a demanda de pessoal daquela década^(5,16).

Com o fenômeno da federalização de estabelecimentos mantidos pelo Estado, na década de 1950, favoreceu-se a condensação de institutos, e o surgimento de universidades federais, porém ainda assim

existiam apenas dezessete universidades distribuídas em oito estados, sendo eles: Paraíba, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. O movimento atendeu a interesses de inúmeros grupos, porém perdeu força a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases criada pelo Conselho Federal de Educação (CFE)⁽¹⁶⁾.

Na década de 1960, a Lei 5.540/68 estabeleceu a Reforma Universitária e instituiu o Vestibular Unificado, mudando a estrutura dos cursos e determinando, como regra geral, que o ensino superior fosse ministrado em universidades, aliando o ensino à pesquisa, uma antiga reivindicação de professores e estudantes. No âmbito da enfermagem, a RU cessou o antigo modelo pedagógico vigente no período, ocasionando a perda do controle das decisões por parte dos institutos, a perda da autonomia da universidade e a destituição dos grupos universitários estáveis, forçando a convivência de docentes e discentes de enfermagem com os de outros cursos, assim como deu início a um processo de reelaboração e atualização das representações sociais sobre as diversas carreiras acadêmicas⁽¹⁸⁾.

Cabe na análise dos dados perceber que nossa sociedade determinou uma divisão sexual do trabalho, ao definir o que eram profissões femininas e masculinas, e tal fato origina-se no espaço doméstico e amplia-se para o conjunto da sociedade. Assim, podemos observar claramente como diferentes ocupações passaram a definir as funções de homens e mulheres na vida social⁽¹⁸⁻¹⁹⁾.

Limitações do estudo

O baixo número de publicações disponíveis sobre a temática, mostrou-se uma limitação ao aprofundamento da discussão. No entanto, a limitação reflete uma lacuna a ser trabalhada e explorada, tendo em vista a necessidade de novos trabalhos nesta área.

Contribuições para História da Enfermagem, Saúde e Educação

Os resultados deste estudo contribuem para o registro da história por parte daquelas que viveram em seu tempo, cobrindo certa dificuldade de acesso às fontes históricas mais completas e ampliar discussões acerca da profissionalização da enfermagem brasileira, da determinação de gênero dentro da categoria e da construção da identidade profissional da Enfermeira, temas que crescem em produção científica no campo da História da Enfermagem no mundo.

CONCLUSÕES

A possibilidade de estudar e ter uma profissão teve na Enfermagem uma opção favorável para moças interessadas em uma formação escolar, principalmente após os anos 1930 quando o Padrão Anna Nery se difundiu pelo Brasil. As características das escolas de enfermagem passaram a ser compatíveis com boas escolas para moças, com toda a disciplina e rigor comum para a época, de modo a garantir a boa moral das alunas. Assim, ir para a EAN era abraçar uma oportunidade de formação e de carreira.

O que podemos observar é que, a EAN, ao ter todas essas características, prerrogativas das décadas de 1950 e 1960, contribuiu para a criação de uma identidade de enfermeira brasileira, que a distinguiria, cada vez mais, no campo assistencial e científico. A busca pela cientificidade e pela sistematização do cuidado foram determinantes para o alcance de um patamar distinto de enfermeira.

Desde o momento em que se determinou seguir o padrão anglo-americano na EAN, partindo da premissa de que o curso de enfermagem deveria ser oferecido apenas para mulheres, estabelecia-se aí o interesse de garantir uma oportunidade de carreira profissional para as mulheres. A EAN auxiliou na ruptura da associação entre a figura feminina e o ambiente familiar, operada pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho, cuja identidade foi se constituindo junto com a identidade da Enfermagem, na qual se inscreve.

O processo de profissionalização tem suas bases no processo de desenvolvimento do país e se explica pela motivação que levou a criação da primeira Escola de Enfermagem nos moldes nightingaleanos que forneceram bases para a formação de profissional e para a sistematização do ensino e (com o ensino) do cuidado.

Então, podemos concluir que o período vivido por nossas colaboradoras foi o período da fase industrial do país e de internacionalização da economia brasileira, nesse sentido, a força de trabalho

das mulheres passa a servir a sociedade no sentido de reproduzir no âmbito público o que já era realizado no ambiente privado do lar.

REFERÊNCIAS

1. Padilha MICS, Vagheti HH, Brodersen G. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2006 [cited 2020 Jan 04];14(2):292-300. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v14n2/v14n2a21.pdf>
2. Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. *Rev Esc Enferm USP*. 2001;35(1):80-7. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342001000100013>
3. Aperibense PGG, Silva CPG, Santos TE, Almeida Filho AJ, Nelson S, Peres MAA. The uniform of nursing students: a strategy for the construction of professional identity (1950-1960). *Texto Contexto Enferm*. 2019;28:e20170593. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0593>
4. Santos TCF, Barreira IA. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2008 [cited 2019 Mar 05];17(3):587-93. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n3/a21v17n3.pdf>
5. Padilha MI, Borenstein MS, Santos I. *Enfermagem: História de uma profissão*. 2. ed. São Paulo: Difusão Editora; 2015. 488 p.
6. Barreira IA. A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira em meados do século 20. *Texto Contexto Enferm*. 2005;14(4):480-7. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072005000400003>
7. Lucena ICD. *Fundamentos de enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery (1962-1978): rupturas e continuidades* [Tese]. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
8. Figaro R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. *Rev Fronteiras Est Mídia*. 2014;16(2):124-31. <https://doi.org/10.4013/fem.2014.162.06>
9. Lima MJO. *As empresas familiares da cidade de Franca: um estudo sob a visão do serviço social* [Tese]. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, 2007.
10. Passos E. *De Anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras*, 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2012. 196 p. <https://doi.org/10.7476/9788523211752>
11. Nepomuceno RF, Witter GP. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Psicol Esc Educ*. 2010;14(1):15-22. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572010000100002>
12. Santos FBO, Carregal FAS, Schreck RSC, Marques RC, Peres MAA. Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil. *Hist Enferm Rev Eletrônica* [Internet]. 2020 [cited 2022 Jan 9];11(1):10-21. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/n1/a1.pdf>
13. Aperibense PGG. *A Escola Anna Nery e a formação de enfermeiras, assistentes sociais e nutricionistas na Universidade do Brasil nos anos 30/40 do século XX* [Tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery; 2009.
14. Peres MAA. Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 90 anos de sua criação. *Esc Anna Nery*. 2013;17(1):7-9. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452013000100001>
15. Aperibense PGG, Barreira IA. Nexos entre Enfermagem, Nutrição e Serviço Social, profissões femininas pioneiras na área da Saúde. *Rev Esc Enferm USP*. 2008;42(3):474-82. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342008000300009>
16. Barreira IA. Os primórdios da enfermagem moderna no Brasil. *Esc Anna Nery* [Internet]. 1997 [cited 2020 Aug 19];1(1):161-176. Available from: http://www.eean.edu.br/2017/detalhe_artigo.asp?id=1946

17. Azambuja CS. O papel social da mulher brasileira nas décadas de 30 a 60, retratada através das propagandas veiculadas na revista o cruzeiro. RGD. 2006;3(1):83-92. <https://doi.org/10.25112/rgd.v3i1.834>
18. Baptista SS, Barreira IA. Enfermagem de nível superior no Brasil e vida associativa. Rev Bras Enferm. 2006;59:411-6. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000700005>
19. Santos RM, Trezza MCSE, Candiotti ZMC, Leite JL. Circunstâncias de oficialização do curso de auxiliar de enfermagem no Brasil: estudando as entrelinhas da Lei 775/49. Rev Latino-Am Enfermagem. 2002;10(4):561-70. <https://doi.org/10.1590/S0104-11692002000400014>
20. Freidson E. Profissionalismo: a terceira lógica. Cambridge: Polity Press, 2001. 250 p.